



Religião e identidade ou turismo na festividade da Nossa Senhora do Monte

Religion and identity or tourism in the festival of Our Lady of the Mount

Religión e identidad o turismo en la festividad de Nuestra Señora del Monte

Página | 145

Antunes Rafael Kaiumba Pinto¹

Instituto Superior de Ciências da Educação da Huíla, Angola
antunespinto@ua.pt

Inara Fernanda Tavares da Cruz²

Instituto Superior de Ciências da Educação da Huíla, Angola
inara.cruz@isced-huila.edu.ao

Resumo

O presente artigo, que tem como tema “*religião e identidade ou turismo na festividade da Nossa Senhora do Monte do Lubango*”, objectiva analisar a relação entre fé e festividades religiosas, buscando compreender de que modo os participantes vivenciam a interligação entre crença e turismo durante este evento. Para fundamentar a investigação, recorremos a conceitos-chave como turismo religioso, identidade, crença, festividades e religiosidade local, que se configuram como elementos centrais para a compreensão do fenómeno. O estudo apoia-se num paradigma de investigação misto, envolvendo participantes residentes no município onde se realizam as festividades. Os dados foram recolhidos por meio de inquérito por questionário *online* (*google forms, Lubango, 2025*), contendo perguntas abertas e fechadas, o que permitiu articular uma análise quantitativa e qualitativa. Os resultados apontam que a festividade desempenha um papel relevante na construção da identidade local, promovendo assim um turismo religioso e cultural e configurando-se como um fenómeno regional.

Palavras-chave: Turismo religioso; Identidade local; Festividade.

Abstract

This article, which has the theme “*religion and identity or tourism in the feast of Our Lady of Monte do Lubango*” aims to analyze the relationship between faith and religious festivities, seeking to understand how participants experience the interplay between belief and tourism during this event. To support the research, we draw on key concepts such as religious tourism, identity, belief, festivities, and local religiosity, which are central elements for understanding the phenomenon. The study is based on a mixed research paradigm, involving participants who resid in the municipality where the festivities take

¹ Doutor em Estudos Culturais, Professor Assistente e Chefe da Secção de Ensino de História no ISCED-Huíla, Angola.

² Doutoranda em Educação, Mestre em Desenvolvimento Curricular e Docente no ISCED-Huíla, Angola.

place. The data were collected through an online survey questionnaire (Google forms, Lubango, 2025), containing both open and closed questions, which allowed for the combination of quantitative and qualitative analysis. The results indicate that the festival plays a significant role in the construction of local identity, thus promoting religious and cultural tourism, and establishing itself as a regional phenomenon.

Keywords: Religious tourism, Local identity, Festivity.

Resumen

Bajo el título “Religión e identidad o turismo en la festividad de Nuestra Señora del Monte de Lubango”, este artículo analiza la compleja relación entre la fe y las celebraciones religiosas, explorando cómo los participantes experimentan la interconexión entre la creencia y el turismo. Para fundamentar el estudio, se recurre a conceptos clave como identidad, religiosidad local y turismo religioso, elementos esenciales para comprender la magnitud de este evento. La investigación adopta un paradigma mixto, centrándose en las percepciones de los residentes del municipio donde se desarrolla la festividad. La recolección de datos se llevó a cabo en 2025 mediante una encuesta digital que integró preguntas abiertas y cerradas, permitiendo una articulación profunda entre los análisis cuantitativo y cualitativo. Los resultados revelan que la festividad trasciende lo puramente espiritual para desempeñar un papel determinante en la construcción de la identidad local. Se concluye que el evento se consolida como un fenómeno regional de gran relevancia, capaz de dinamizar un turismo religioso y cultural que fortalece el sentido de pertenencia y el desarrollo de la comunidad huilense.

Palabras clave: Turismo religioso, Identidad local, Festividad.

Introdução

Este estudo sobre a festividade de Nossa Senhora do Monte, no Lubango, insere-se na confluência entre religião, identidade cultural e turismo religioso. A religião, entendida enquanto fenómeno social, desempenha um papel estruturante na construção de identidades e na organização simbólica das comunidades (Durkheim, 2004). Em Angola, as festividades religiosas configuram-se como momentos de expressão da fé, mas também como práticas culturais que influenciam a dinâmica económica e social. Neste contexto, a investigação busca compreender de que modo os fiéis e participantes vivenciam a relação entre a crença religiosa e o turismo, analisando como as práticas devocionais se articulam com fluxos turísticos e com a afirmação das identidades.

Enquadramento Teórico

O turismo como actividade moderna nasceu na primeira metade do século XIX, mas, em seus traços fundamentais, podemos encontrá-lo desde a Antiga Grécia, passando pelo domínio romano, bem como durante a Idade Média (Pinto & Baptista, 2020, p. 7).

Conforme frisamos, o turismo caracteriza-se como uma actividade que existe desde os tempos modernos e envolve um conjunto de acções muito vastas, sendo influenciado ou motivado por desejos e representações. Enquanto uma das actividades que mais cresce, entre os finais do século XX e início do século XXI, é modificadora dos espaços, sobretudo os urbanos e pode ser classificado de diversas formas, ou seja, agrupa-se em múltiplas formas em função ao objecto de estudo. No caso concreto, vamos aborda-lo apenas do ponto de vista cultural e religioso, turismo católico, deixando as outras dimensões de análise para futuros estudos ou investigadores (Brambilla & Baptista, 2015)

Turismo: Entre Conceitos e Abordagens Teóricas

Para Maia (2010, p.16), o turismo cultural é um movimento onde os visitantes percorrem atracções culturais específicas, como museus, exposições artísticas e culturais, artes e teatro fora do seu local de residência. Vários autores debruçaram-se sobre o conceito de turismo cultural, pelo que, para o presente estudo, iniciámos com a perspectiva de Richards (2000), que define turismo cultural como um movimento de pessoas para atracções culturais longe do seu local de residência, com a intenção de reunir novas informações e experiências para satisfazer as suas necessidades culturais. Assim, o turismo cultural é um fenómeno marcado pela movimentação e motivação dos indivíduos em visitar atracções culturais, como monumentos e museus, e têm o intuito de reunir novas experiências que possam satisfazer as necessidades culturais.

Alinhados neste prisma, admitindo que, para a visão de Silveira (2019), o turismo é uma actividade complexa que não deve ser reduzida exclusivamente à prática comercial ou industrial, *marketing* ou gestão de produtos. Facilmente se percebe que o turismo deve ser considerado não apenas como um tipo de negócio, mas como um poderoso cenário cultural, moldado por representações de lugares, povos, nações e culturas (Alves De Almeida & Baptista, n.d.).

Note-se ainda que, na acepção de Costa (2021), o turismo é uma combinação complexa de inter-relacionamentos, mas cuja composição se integra numa prática social com base

cultural, herança histórica, paisagem natural, relações sociais e intercâmbio de informações interculturais. Como uma prática social, envolve o corte com rotinas estabelecidas, representando assim uma ruptura no quotidiano cujo propósito é experimentar algo extraordinário (Carvalho, 2020; Henriques, 2015). Ademais, o turismo pode ser entendido como um fenómeno social multidimensional, no qual o espaço turístico é, respectivamente, “actor e palco das relações sociais, susceptíveis às mutações das experiências históricas e da própria dinâmica da paisagem” (Pinto & Baptista, 2020, p. 5). Algumas vezes, as comunidades visitadas transformam-se em palcos de “encenações” com o único objectivo de satisfazer as representações imaginárias que os visitantes carregam na bagagem (Abreu, 2014; Bourdeu, 2021). Além dos diferentes papéis desempenhados pelos autores envolvidos, também existe uma diferença cultural que, supostamente, seria catalisadora desta experiência prodigiosa (Silveira, 2019).

Turismo Religioso

Se, por um lado, o turismo cultural representa um sector enriquecedor para quem o pratica, por outro lado, o turismo religioso é, assim, caracterizado por uma ligação íntima entre o fenómeno turístico e o fenómeno religioso (Henderson, 2001).

No contexto actual, falar sobre a religião é penetrar num campo que envolve um conjunto de narrativas e descrições, em que muitas vezes são salutaremas noutras não, e as razões são diversas, considerando que, de acordo com André (2012), “a religião tornou-se um resultado de outras tantas formas de dominação, aculturação e colonização que se repetem, por outros meios mais sofisticados” (p. 48). Ao escavarmos arqueologicamente a questão do turismo religioso, fomos convocados a percorrer as suas origens, que nos remetem a um encontro desde as mais antigas manifestações religiosas tanto cristãs quanto não-cristãs. Para os cristãos, no movimento das Cruzadas, constavam as práticas como peregrinações ao túmulo de Cristo e de mais autoridades religiosas e, nesta ordem de ideia, foi-se realizando um conjunto de movimentações para diversos lugares, com finalidade dupla: religiosa e turística. Na visão de Pernas (2022, p.22), “as peregrinações eram feitas nas mais duras condições, num espírito de sacrifício e purificação”.

No caso do turismo religioso, constitui-se num importante segmento que envolve dois dos mais importantes fenómenos sociais do mundo contemporâneo (Martins & Silva, 2021). As descrições sobre as articulações entre o turismo e a religião são tão antigas que contam, desde o segundo milénio, a esperança do retorno de Cristo a Jerusalém e ainda

reforçavam, no espírito de muita gente, o desejo de alcançar a salvação. Jerusalém, historicamente, é considerada uma cidade santa, tanto para os judeus quanto para os muçulmanos e para os cristãos. Estas viagens acabavam por ser um destino de peregrinações e orações para os principais grupos religiosos da região do seu entorno: para os cristãos, o símbolo é o Santo Sepulcro; para os judeus, o Muro das Lamentações; e para os muçulmanos, a Esplanada das Mesquitas.

É importante realçar que muitos outros lugares são marcados por devoções oficiais, populares, religiosas e é nesta lógica que a Nossa Senhora do Monte não se apartou de ser um lugar diferente desta actividade, ou seja, também é visto pelos seus fiéis como sendo um núcleo de consagração da fé e importante lugar de manifestação cultural.

Aludindo-nos, concretamente, à Capelinha da Nossa Senhora do Monte que, aos poucos, se tornou num lugar de santidade e peregrinação para os residentes católicos, era vista como uma Meca (expressão pertencente à cultura religiosa do islão), ou até mesmo como Jerusalém ou muitos outros lugares cuja relevância histórica e religiosa é indiscutível, por estarem marcados por devoções oficiais ou populares de religiões, sendo núcleos receptores importantes em termos de fé e, conseqüentemente, em termos de turismo, cujas dimensões superam as manifestações de fé e as próprias motivações religiosas.

Com efeito, o acto de peregrinar, além de ser um testemunho de devoção, é simultaneamente uma deslocação, o que permite o seu enquadramento no turismo religioso. Pernas (2022), adopta a terminologia de «romeiros-turistas», que permite distinguir dos peregrinos tradicionais. A sua presença no santuário justifica-se por razões que transcendem aquelas que mobilizariam os romeiros tradicionais (Pernas, 2022, p. 23). Assumindo que o sentido real das deslocações aos santuários confronta o paradigma tradicional das peregrinações, cujo padrão tem vindo a ser alterado, seja pela crescente oferta de serviços, os quais facilitam a combinação entre peregrinação e património, seja pela alteração do conceito espiritual e religioso das peregrinações (Silva, 2000, p. 11), é razoável reflectir que as viagens nacionais e internacionais, motivadas pela fé religiosa, vêm-se consolidando como um segmento do mercado turístico, correspondendo ao turismo religioso. Podemos considerar que a Jornada Mundial da Juventude (JMJ), criada, em 1985, pelo Papa João Paulo II, se consolidou como um dos maiores eventos de turismo

religioso internacional no qual participam maioritariamente populações católicas (e também de outras religiões) de vários países do mundo (Maia, 2010).

A Problemática sobre a Identidade

De facto, tem sido notável que a questão da identidade está a ser extensamente discutida na teoria social (Hall, 1992). A nossa reflexão sobre a identidade, actualmente, tem sido heterogénea e pluricêntrica, pelo facto de existirem muitas interpretações sobre o que é percebido como identidade e o certo é que, para cada época e contextos, foram sendo produzidas novas identidades que foram caracterizando os próprios produtores. Assim, a reflexão que agora apresentamos pode ser percebida como uma identidade produzida em função a uma realidade concreta, a qual é a procissão que se realiza na Nossa Senhora do Monte no Lubango.

Página | 150

Enfatize-se que as identidades são produzidas dentro de uma semiesfera que se chama de globalização, nela actuam conjuntos de factores que reproduzem as tais identidades, sendo neste quesito que se impõe uma questão retórica. Afinal o que são as identidades? Esta é uma daquelas perguntas que não encontram apenas uma única resposta.

Assim, no intuito de se trazer uma resposta, revisitamos um conjunto de documentação como os escritos de Hall (1992), para quem a identidade “descreve aquelas formações que atravessam e interceptam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram dispersadas para sempre da sua terra natal” (p. 88). Para André (2012), a identidade é o fenómeno da sociedade-em-rede e as implicações que tem sobre a esfera cultural.

O homem, sendo um ser biopsicossocial, possui uma dimensão bipolar que atribui acções e competências para articular questões como a fé e identidade (Abreu, 2014). Assim, a articulação que propomos entre identidades fundamenta-se a partir da noção que implica estabelecer o conceito de diálogo intercultural religioso entre as diversas denominações que coabitam num mesmo espaço, criando assim uma consciência de que é na prática plural e aprofundada dos diálogos que se constroem as identidades.

Enquadramento Histórico

Os factos, como se pode ler em Henderson (2001, p. 276), atestam que, durante o período colonial, a Igreja, em Angola, ocupou duas posições antagónicas em relação ao Estado

Português; a igreja Católica, por tradição e por tratados celebrados, encontra-se aliada ao regime colonial, ao passo que as igrejas protestantes eram toleradas pelo Estado Português, nunca tendo, contudo, recebido reconhecimento oficial.

As festas da cidade do Lubango datam desde 1902, tendo sido ao longo destes anos palco das icónicas realizações dos munícipes, e não só, e as mesmas acontecem durante o mês de Agosto, constituindo uma forte tradição com origens e manifestações religiosas portuguesas, celebrada pela sociedade huilana de forma efusiva com vários atractivos, com realce para as actividades, socioeconómicas, religiosas, culturais e desportivas (Reis, 2009). Para além do seu papel histórico, as festas de Agosto, no Lubango, são um ícone de identidade da capital huilana, na diversidade sociocultural e económica, visando apresentar para Angola e o mundo as potencialidades culturais, turísticas e económicas da Huíla, no geral.

Localizada num dos topos da Serra da Chela, a Capela da Nossa Senhora do Monte é, para além de um santuário de peregrinação religiosa que se reveste de grande simbolismo e importância para a comunidade católica, também, um importante activo turístico e histórico.

O processo da sua construção está estreitamente associado ao objectivo colonial em curso na época, pois a mesma servia para consolidar a fé católica no então distrito da Huíla entre os nativos e entre os portugueses (principalmente madeirenses), implicados no processo colonial. (Cabecinhas & Feijó, 2013).

A sua implantação geográfica está também relacionada com um projecto inicial de construção dos Caminhos-de-Ferro-de-Moçâmedes que, no sentido de evitar o centro da cidade, devia circundar a cintura serrana. Foi então que as autoridades da altura decidiram a construção de um santuário para simbolizar a Nossa Senhora (mãe de Jesus) e, cumulativamente, para honrar as almas perdidas durante a tentativa de construção do referido viaduto.

Perseguindo esta historiografia, a construção da capela pode ser analisada em dois momentos, uma primeira edificação primitiva, que ainda inacabada, foi inaugurada a 15 de Agosto de 1902, com a celebração de uma missa campal, e a apadrinhar esta homília

estava uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, oferecida pelo senhor Venâncio Ferreira Rodrigues que a adquiriu, na cidade portuguesa do Porto, em cumprimento a uma promessa (Pereira, 2014). Em nome do Bispo de Angola e do Congo, o pároco local abençoava a conclusão da obra em 14 de Agosto de 1903.

A partir desta data, a capela passou a ser local de Romaria, tornando-se tradição. Uma década e meia depois, João Henrique de Azevedo idealizou e projectou uma capela mais ampla com uma maior visibilidade a partir de toda a então vila de Sá da Bandeira, tendo sido assim inaugurada, em 1921 (Rezola, 2012).

Desta forma, a única igreja aceite e, constitucionalmente, legal, à época foi a igreja católica, tal como foi estatuído: “a religião da nação portuguesa é a católica apostólica romana” (Assembleia da República, 1826). Ainda assim, numa outra constituição portuguesa (República, 1822), é reforçada a ideia do poder que a igreja católica detinha na altura, tal como se pode ler: “a religião católica apostólica romana continuará a ser a religião do reino”; desta forma, a religião católica tornou-se o credo oficial de todo o espaço geográfico que representava o então império colonial português, com objectivo e acção na evangelização (Matos, 2006).

Paradigma Metodológico

Para a realização desta investigação, adoptou-se uma metodologia mista, por se considerar que apenas uma abordagem isolada (qualitativa ou quantitativa) não permitiria compreender de forma sólida o fenómeno em estudo. A opção por este paradigma metodológico garantiu rigor e coerência científica (Amado, 2017; Guerra, 2014; Lopes, 2011). A combinação de métodos qualitativo e quantitativo possibilitou uma análise mais completa, permitindo a triangulação dos dados e o cruzamento de resultados. Creswell (2007) reforça que a utilização conjunta de perguntas abertas e fechadas num mesmo instrumento enriquece a compreensão do problema investigado.

Objectivo

O principal objectivo da investigação é de compreender as percepções dos participantes em relação à realidade em estudo, nomeadamente no que concerne à experiência dos munícipes peregrinos cristãos que frequentam o espaço identificado como objecto de

análise. Pretendeu-se obter uma informação global sobre estas percepções, permitindo construir uma visão abrangente sobre o fenómeno em análise

Participantes

A população-alvo, entenda-se como amostra (de 48 participantes), foi constituída por munícipes peregrinos cristãos, frequentadores habituais do espaço religioso em análise. A selecção dos participantes esteve associada à experiência religiosa e à vivência no local em estudo, o que assegurou a pertinência das respostas obtidas.

Instrumentos

O principal instrumento de recolha de dados foi o inquérito por questionário, aplicado em formato *online*. O questionário foi composto por dez questões, distribuídas entre:

- Questões fechadas (de carácter quantitativo), que possibilitaram tratamento estatístico e análise de tendências gerais.
- Questões abertas (de carácter qualitativo), que permitiram captar percepções, atitudes e crenças dos participantes.

O questionário estruturado foi desenvolvido segundo a perspectiva metodológica de Gil (2002), contemplando perguntas dependentes e organizadas de forma lógica. Para além do questionário, recorreram-se ainda a técnicas complementares de análise documental conforme sustentam Pardal e Lopes (2011).

Segundo Tuckman (2002), questionários e entrevistas são instrumentos eficazes para aceder a informações cognitivas (conhecimentos), afectivas (valores e preferências) e atitudinais (crenças e opiniões), além de permitir identificar experiências passadas e percepções actuais dos sujeitos.

Procedimentos

O processo de recolha de dados decorreu em diferentes fases:

1. Aplicação do questionário *online*, respondido pelos participantes, cujo objectivo central foi recolher percepções globais sobre a realidade em estudo.
2. Análise qualitativa das respostas abertas, identificando categorias emergentes e significados atribuídos pelos inquiridos.

3. Análise quantitativa das respostas fechadas, possibilitando tratamento estatístico básico e descrição de tendências.
4. Integração dos resultados qualitativos e quantitativos, assegurando complementaridade e triangulação dos dados (Coutinho, 2016; Creswell, 2007; Yin, 2010).

Apresentação e discussão dos resultados

À medida que os dados foram sendo recolhidos, iniciava-se, em simultâneo, a análise dos mesmos, com base no referencial teórico, após o cruzamento das evidências recolhidas.

Dimensão 1- Religião e prática religiosa

Tipo de respostas	Nº de Frequências	%
a. Católica	26	54
b. Protestante	3	6
c. Adventista	3	6
d. IECA	6	12
e. Igreja Universal	0	00
f. Outras	10	20
Total	48	100%

Tabela nº1. Questão n.º 1: Que religião professa?

Fonte: Recolha feita pelos autores, 2025.

Os dados recolhidos referentes a esta questão enquadrada na dimensão em análise permitem perceber que os números dão vantagem percentual à Igreja Católica. Ao ser assim, as descrições teóricas são aqui confirmadas como sendo a igreja que detinha e detém até aos dias de hoje o maior número de fiéis que frequentam os seus templos, nos países colonizados por Portugal. Com isto, depreende-se que a religião cristã católica contribuiu para o reforço da obediência, da doutrinação das populações e do seu controlo. O que vai ao encontro do pensamento de Bhabha (1998, p. 68), segundo o qual “a análise da despersonalização colonial não somente aliena a ideia iluminista do Homem mas contesta também a transparência da realidade social como imagem pré-dada do conhecimento humano (p. 68)”.

Esta hegemonia não apenas reforça a continuidade histórica da sua influência, mas também se articula com a função ideológica que a religião desempenhou no contexto colonial. A presença da Igreja foi central na doutrinação, obediência e controlo social

conforme já nos referimos, funcionando como um verdadeiro aparelho ideológico do Estado (Althusser, 1979). Neste sentido, a religião contribuiu para a construção simbólica da nação e para a legitimação da ordem social, como observa Mineiro (2007, p. 50), ao destacar as estreitas relações entre o Estado português e a Igreja Católica.

Caracterização Sociodemográfica dos participantes no estudo
Questão 2— Qual é a sua idade?

Intervalo de Idade	Nº de Frequências	%
20-24	18	37
25-30	7	14
31-35	10	20
36-40	4	9
41-65	5	10
+65	4	8
Total	48	100

Tabela n.º 2; Fonte: Recolha feita pelos autores, 2025

A caracterização sociodemográfica dos participantes foi realizada a partir de intervalos etários, organizados de forma cronológica e progressiva, o que possibilitou observar padrões de participação mais consistentes. Os dados revelaram que a maioria dos inquiridos se encontra na faixa etária dos 20-24 anos, perfazendo assim 37%, em seguida temos o intervalo do grupo situado entre os 31-35 anos, com um grau percentual de 20%.

A predominância do grupo mais jovem pode ser explicada pelo facto de que os jovens apresentam maior familiaridade com os meios digitais e ferramentas informáticas, o que facilitou a sua adesão à pesquisa, conduzida em formato *online* por meio do *Google Forms*. Esta constatação dialoga com Lévi-Strauss (2008), que os caracteriza como “nativos digitais”, capazes de lidar com maior destreza com as tecnologias no quotidiano.

Entretanto, a presença expressiva de participantes entre os 36-40 anos de idade evidencia que a prática da religiosidade continua a ser um elemento estruturante da vida quotidiana, independentemente da geração. Conforme Reis (2009), a religião permanece central para a identidade social, mesmo em sociedades contemporâneas, nas quais os processos de secularização ganham relevância. Do mesmo modo, Martins (1986) entende a religião como um “fio de memória” que se transmite intergeracionalmente, assegurando continuidade e sentido às práticas religiosas.

Questão 3- Já participou de alguma romaria, procissão ou peregrinação?

Opções de Resposta	Nº de Frequências	%
Sim	30	62
Não	00	00
Talvez	18	38
Total	48	100

Tabela n.º 3; Fonte: Recolha feita pelos autores, 2025

Na questão n.º 3, buscou-se compreender se os sujeitos da investigação já haviam participado de alguma procissão em honra à Nossa Senhora do Monte. Os dados evidenciam que 62% afirmaram ter participado, enquanto 38% declararam não saber se realmente já participaram numa das indicações de cariz cristã, entre os quais a resposta “talvez” foi uma constante, pois apresentaram algumas dificuldades em identificar se uma ida ocasional, desinteressada, despropositada podia valer tanto quanto uma visita intencional. Todavia, este resultado indica que a maioria dos inquiridos mantém uma prática de envolvimento directo com as tradições religiosas locais, ao passo que uma parte significativa ainda se encontra afastada destas manifestações.

A participação em procissões pode ser compreendida como expressão colectiva da fé e da identidade religiosa. De acordo com Turner (1990), os rituais de peregrinação e procissão são momentos privilegiados de “communitas”, nos quais os indivíduos se unem em torno de valores partilhados, transcendendo hierarquias sociais e reforçando o sentido de pertença. Neste contexto, o elevado número de participantes nas procissões da Nossa Senhora do Monte confirma que estas celebrações não apenas cumprem uma função litúrgica, também reforçam os laços sociais, a memória colectiva e a coesão cultural de alguns municípios.

Questão 4 – Quantas vezes ao ano participa de tais actividades?

Tipo de Resposta	Nº de Frequências	%
a. 1 vez	2	4
b. 2	3	6
c. 3	3	6
d. 4	7	14
e. 5	5	10
f. +5	28	58
Total	48	100

Tabela n.º 4; Fonte: Recolha feita pelos autores, 2025

A questão nº 4 teve como objectivo identificar a frequência com que os participantes se deslocavam ao local de peregrinação e compreender o significado atribuído a esta prática em suas vidas. Os resultados revelam que 58% dos inquiridos declararam que visitavam mais que cinco vezes durante o ano, enquanto que os 42% estão distribuídos em diferentes alternativas, correspondendo a uma frequência superior a uma visita anual. Destaca-se, neste grupo, a opção dos que afirmaram deslocar-se mais de cinco vezes ao ano, o que demonstra um envolvimento religioso mais intenso, sem tornar irrelevante quem para lá vai, ocasionalmente.

Estes dados permitem inferir que o local não representa apenas um espaço de visita pontual, mas um lugar de referência espiritual e simbólica para muitos dos participantes.

De acordo com Alexandre (1979),

mais do que uma tendência, o turismo religioso assumiu-se, nos últimos anos, como um dos principais motivos para viajar. Anualmente, mais de 6.000.000 pessoas tinham como destino o santuário da Nossa Senhora do Monte do Lubango em Imagem do que existia na ilha da madeira, as viagens tinham como destino locais associados ao património religioso (p. 467).

O Santuário da Nossa Senhora do Monte é o expoente máximo na Região Sul de Angola, nesta vertente turística, por muitas outras razões para descobrir a religiosidade dos lugares, através da história e do património, nomeadamente, o edificado. No actual contexto, marcado por “novas normalidades”, o turismo espiritual e o turismo religioso ganham força e intensidade redobradas e afirmam-se como essenciais à busca do bem-estar, ao proporcionar momentos de introspecção e de libertação de *stress*. A partir destas duas vertentes espiritual e religioso, este guia abre caminhos para quem procura tratar da alma ou do espírito, para além do corpo.

Portanto, a frequência significativa das visitas, sobretudo entre os que retornam várias vezes ao ano, evidencia que o local é percebido como espaço de renovação espiritual, pertença comunitária e continuidade cultural, desempenhando um papel central na vida dos fiéis que o frequentam.

Dimensão 2- Percepção da Capelinha: Lugar Sagrado x Profano

Questão 5- Considera a Capelinha da Nossa Senhora do Monte como um lugar sagrado ou profano?

Tipo de Resposta	Nº de Frequências	%
a. Sagrado. Porque...	37	77
b. Profano. Porque...	11	22
Total	48	100

Página | 158

Tabela n.º 5 Fonte: Recolha feita pelos autores, 2025

A maioria dos inquiridos consideram que a Capelinha da Nossa senhora do Monte é um lugar sagrado. As justificações vão desde motivos históricos, espirituais e culturais; para eles, o lugar é visto como um espaço de oração, intercessão, fortalecimento da fé e consagração religiosa.

Alguns poucos indicam sinais de profanação do espaço por práticas turísticas desvirtuadas (ex. consumo de bebidas alcoólicas ou visitas sem sentido espiritual), mas ainda assim não deixam de reconhecer o seu valor sagrado original. Este duplo olhar revela o conflito entre a sacralidade e a apropriação secular do espaço, uma tensão também observada por autores como Eliade (1957), que argumenta que o sagrado não desaparece, mas pode ser “diluído” no quotidiano profano, exigindo reinterpretações contínuas.

Os santuários podem ser definidos como espaços centrais de religiosidade, de devoção, seja pela ocorrência de um milagre, de uma aparição, seja pela existência de relíquias, que acabam por se tornar lugares de encontro cultural e de peregrinos com diferentes proveniências (Jordão, 1993).

Na visão de Martins (1986), “no catolicismo angolano, as peregrinações a locais sagrados tornaram-se, juntamente com as festas das cidades, uma expressão privilegiada da religiosidade do povo”. Os santuários são em si lugares onde o povo, enquanto vivencia a sua espiritualidade, atinge uma experiência do sagrado, que toca e alimenta a sua devoção. Neles, o sagrado revela-se e marca o devoto de uma maneira original.

Questão 6 – Que factores influenciam a sua visita a estes lugares?

Tipo de Resposta	Nº de Frequências	%
a. Espiritualidade	32	66%
b. Curiosidade histórica	10	20%
c. Turismo e Cultura	6	14%
Total	48	100%

Tabela n.º 6; Fonte: Recolha feita pelos autores, 2025

Os dados revelam que a espiritualidade é o factor mais relevante para os inquiridos que visitam à Capela da Nossa Senhora do Monte do Lubango, sendo apontada por 66% dos participantes. Enquanto os demais factores surgem com outros valores percentuais inferiores, tal como se observam na tabela acima. Estes resultados indicam que, embora o espaço possua também uma dimensão cultural e turística, prevalece a motivação religiosa e espiritual.

Para Bracons (2018), o turismo religioso deve ser entendido como uma experiência que combina dimensões espirituais, culturais e sociais, ao longo do qual os fiéis podem ser simultaneamente crentes e turistas. Assim, os dados sugerem que a Capela da Nossa Senhora do Monte constitui um espaço híbrido, no qual se entrelaçam motivações espirituais e motivações turísticas, reflectindo tanto a tradição religiosa como a valorização cultural e patrimonial do local. A religião do homem, a pura e simples religião do evangelho, o verdadeiro teísmo, numa primeira aproximação, e esta forma de religião toda interior e aplicada à prática da perfeição moral concentram a simpatia dos espíritos bem formados (Abreu, 2014, p. 105).

Daí que o fenómeno da peregrinação na sociedade moderna e contemporânea, neste contexto, estabelece interfaces com o turismo religioso. O Caminho da Fé da Capela de Nossa Senhora do Monte, por exemplo, constitui-se em um espaço social capaz de criar e estimular um campo variado de relações religiosas, culturais, políticas e económicas através de discursos e narrativas de agentes sociais envolvidos no fenómeno.

Questão 7– Considera a sua visita como forma de expressão da sua fé?

Tipo de Resposta	Nº de Frequências	%
a. Sim	36	75%
b. Não	12	25%
Total	48	100%

Tabela n.º 7; Fonte: Recolha feita pelos autores, 2025.

Embora os resultados tenham sido inicialmente apresentados em termos de estatística descritiva simples, nesta questão optou-se também por considerar as narrativas recolhidas através de perguntas abertas, possibilitando, assim, uma análise de conteúdo mais aprofundada. De modo geral, maior parte dos inqueridos considera que as suas visitas àquele lugar é um acto de expressão de fé, consideração e de devoção pela fé católica que lhes move.

Assim, indo ao encontro das respostas abertas, os trechos recortados também são elucidativos quanto à questão de representação de fé, ou seja, basta analisar as descrições abaixo: “uma expressão de fé”, “um momento de oração e reflexão espiritual” ou ainda “uma forma de buscar milagres, curas e soluções para dificuldades económicas e familiares” para chegarmos a tal percepção. Tais narrativas reforçam o entendimento da capelinha como um espaço de esperança colectiva e individual, em que o sagrado se manifesta na vida quotidiana dos fiéis.

Contudo, nem todos os participantes atribuem significados religiosos ao local. Alguns descrevem a capelinha apenas como um espaço de lazer e diversão, sem valor espiritual directo. Esta divergência de percepções remete ao pensamento de Reis (2009), que assinala o carácter plural dos espaços religiosos, destacando que, em certos contextos, a religiosidade pode esvaziar-se no processo de racionalização, abrindo espaço para usos distintos do mesmo lugar.

Assim, as narrativas analisadas demonstram que a capelinha é concebida de forma ambígua: para uns, lugar sagrado e de encontro com o divino e, para outros, simples espaço recreativo. Tal pluralidade de percepções confirma a necessidade de compreender o fenómeno religioso como multifacetado, respeitando as diferentes leituras e significados atribuídos pelos sujeitos sociais (Castro, 2017).

Dimensão 4- Turismo Religioso e Economia

Questão 8 – Será que, durante as actividades de peregrinação, são comercializados alguns produtos?

Tipo de Resposta	Nº de Frequências	%
a. Sim	38	79%
b. Não	10	21%
Total	48	100%

Página | 161

Tabela n.º 8; Fonte: Recolha feita pelos autores, 2025.

Na questão analisada, 79% dos inquiridos afirmaram que durante os momentos em que são realizadas as peregrinações, no mesmo espaço aparecem pessoas que vendem certos objectos de uso religioso, bem como alimentos, o que faz do lugar um espaço de disputa entre os vários sujeitos que o frequentam. Estas práticas revelam que as peregrinações não são apenas eventos de carácter espiritual, mas também constituem oportunidades de dinamização económica local.

A literatura aponta que o turismo religioso, ao agregar dimensões de fé e consumo, desempenha um papel relevante no desenvolvimento económico das comunidades anfitriãs. Do ponto de vista sociológico, a articulação entre práticas religiosas e comércio pode ser interpretada como um processo de mercantilização do sagrado. Para Sousa (2014), o turismo espiritual e religioso, embora centrado na fé, envolve inevitavelmente interacções económicas que podem beneficiar a comunidade local.

Portanto, os resultados evidenciam que a peregrinação à Nossa Senhora do Monte não apenas reforça a identidade religiosa dos participantes, mas também se configura como um evento de impacto económico, criando oportunidades de negócio que fortalecem o comércio local e contribuem para a sustentabilidade das práticas religiosas e culturais da região.

Questão 9 – Considera que existe equilíbrio entre as práticas religiosas e as actividades turísticas no Santuário?

Tipo de Resposta	Nº de Frequências	%
a. Sim	29	60%
b. Não	19	39%
Total	48	100%

Tabela n.º 9; Fonte: Recolha feita pelos autores, 2025

Quando questionados sobre a existência de equilíbrio entre as práticas religiosas e as actividades turísticas no Santuário da Nossa Senhora do Monte, 60% dos inquiridos responderam afirmativamente. Este resultado revela que a maioria dos participantes que alegaram a dimensão espiritual não se encontra comprometida pela presença do turismo, indicando que há uma percepção positiva quanto à convivência entre fé e economia. Página | 162

A literatura aponta que o turismo religioso, quando bem gerido, pode funcionar como espaço de complementaridade. Para Sharpley e Sundaram (2005), o desafio central consiste em evitar a comercialização excessiva do sagrado, preservando o carácter religioso dos lugares de culto enquanto se aproveitam os benefícios económicos advindos do turismo.

Assim, o facto de a maioria dos inquiridos reconhecer a existência de equilíbrio no Santuário da Nossa Senhora do Monte indica que a comunidade consegue integrar práticas religiosas e actividades turísticas sem que uma dimensão anule a outra. Este equilíbrio revela uma dinâmica de coexistência simbólica, onde o espaço sagrado mantém a sua centralidade religiosa ao mesmo tempo que se abre a interacções socioeconómicas que beneficiam a população local.

Questão 10– Considera que o turismo religioso contribui positivamente para a economia local?

Tipo de Resposta	Nº de Frequências	%
a. Sim	38	79
b. Não	10	21
Total	48	100

Tabela n.º 10; Fonte: Recolha feita pelos autores, 2025.

No âmbito da questão sobre se o turismo religioso contribui para a economia local, 79% dos inquiridos responderam afirmativamente, reconhecendo o impacto positivo desta prática no desenvolvimento socioeconómico da região. Este resultado evidencia a percepção de que as actividades religiosas, sobretudo as peregrinações e festividades em honra à Nossa Senhora do Monte, não se limitam ao campo espiritual, mas estão intrinsecamente associadas ao dinamismo económico da cidade do Lubango. Assim, Sharpley e Sundaram (2005), reforçam esta perspectiva ao salientar que o turismo religioso representa um fenómeno híbrido, no qual a espiritualidade se articula com a economia, exigindo equilíbrio entre as práticas de fé e as demandas do mercado turístico.

Tal equilíbrio é essencial para evitar a descaracterização da experiência religiosa, preservando a autenticidade cultural e espiritual do evento.

Neste contexto, os resultados obtidos demonstram que a comunidade local percebe o turismo religioso como um motor de desenvolvimento, ao mesmo tempo que reforça a importância de políticas públicas que conciliem a valorização cultural e religiosa com estratégias de sustentabilidade económica.

A importância atribuída à religião como elemento estruturante da identidade local surge articulada a um sentimento de pertença que se manifesta no reencontro anual da comunidade, tanto dos residentes como dos filhos da terra que regressam para participar da celebração. Neste sentido, a festividade funciona como um lugar de memória colectiva, onde se cruzam narrativas de fé, experiências comunitárias e representações culturais que fortalecem o imaginário social dos peregrinos. Assim, torna-se evidente a importância de políticas públicas integradas que conciliem a valorização cultural e religiosa com estratégias de sustentabilidade económica e patrimonial. Tais políticas devem assegurar que o turismo não resulte na mercantilização excessiva dos rituais, evitando a perda de autenticidade e garantindo que a comunidade local permaneça protagonista na gestão e na transmissão dos seus próprios valores religiosos e identitários.

Desta forma, a análise revela que, as festividades da Nossa Senhora do Monte não se reduzem a eventos turísticos: elas constituem-se, sobretudo, em manifestações de fé que reafirmam laços comunitários e sustentam a construção contínua da identidade local, ao mesmo tempo que se adaptam às transformações sociais, culturais e económicas contemporâneas.

Considerações finais

Os dados recolhidos a um público-alvo constituído por 48 inquiridos confirmam que as festividades da Nossa Senhora do Monte desempenham um papel multifacetado na sociedade em estudo, actuando simultaneamente como prática de fé, espaço de afirmação identitária e motor de dinamização turística e dinamizam também componentes económicas.

Os resultados indicam que a religião, além de orientar a espiritualidade individual, continua a ser um elemento estruturante da identidade colectiva e do desenvolvimento económico local, pelo que foi constatado nas questões 8 e 10.

Conclui-se, portanto, que a integração entre religião e turismo, no Lubango, deve ser compreendida como um fenómeno social contemporâneo, no qual fé, tradição e economia se entrelaçam, demandando uma contribuição tanto para a preservação da memória cultural quanto para a valorização do território como destino turístico-religioso.

Referências Bibliográficas

Abreu, L. M. de. (2014). A Nação e simbólica religião. In G. Editor (Ed.), *Europa das Nacionalidades: Imaginarios, Identidades e Metamorfoses Políticas* (1ª Edição, pp. 103–111).

Alexandre, V. (1979). *Origens do Colonialismo Português Moderno* (SÁ DA COSTA EDITORA (ed.); 1º Edição).

Althusser, L. (1979). *Aparelho ideológico do estado* (1ª Edição).

Alves De Almeida, A. R., & Baptista, M. M. (n.d.). 2 *TURISMO CULTURAL E RESISTÊNCIA: UMA APLICAÇÃO A PARTIR DOS MÉDIA LOCATIVOS* (pp. 1–14).

Amado, J. (2017). *Manual de investigação qualitativa em educação* (3ª Edição).

André, J. M. (2012). *Multiculturalidade Intidade e Mestiçagem* (Palimage (ed.); 1ª Edição).

Assembleia da Republica. (1826). *Constituição Portuguesa* (p. 39). <https://www.parlamento.pt/Parlamento/Documents/CartaConstitucional.pdf>

Bhabha, H. k. (1998). *O Local da Cultura* (1ª Edição).

Bourdeu, P. (2021). *O Poder Simbólico*.

Bracons, H. (2018). *Interculturalidade Elementos Para Uma Melhor Compreensão* (E. U. Lusófona (ed.); 1ª Edição).

Brambilla, A., & Baptista, M. (2015). *Cultura e Enoturismo : um estudo na Região Demarcada do Douro*. Universidade de Aveiro.

Brito, T. M., & Baptista, M. M. rocha T. (2021). Influências da interculturalidade e multiculturalidade na prestação de serviços em navios de cruzeiro. *Journal of Tour Sm & Development*, 1(36), 491–501.

Cabecinhas, R., & Feijó, J. (2013). Representações sociais do processo colonial - perspectivas cruzadas entre estudantes moçambicanos e portugueses. *Configurações*, 12, 117–139. <https://doi.org/10.4000/configuracoes.2053>

Carvalho, T. de I. (2020). Compreender os processos do turismo: uma estrutura sensível ao género. In G. Editor (Ed.), *Género e Performance T E X T O S E S S E N C I A I S 3* (1ª edição, pp. 131–154).

Castro, B. M. de. (2017). *Património cultural e a reabilitação urbana. Um caminho psrs o desenvolvimento do turismo na cidade hist'rica do dondo (Angola)*. Universidade de Coimbra.

Costa, A. (2021). Notas Sobre Museus, Exposições e Discursos de Representação do Passado e do Presente. In *Culturas e Turismo: Reflexões Sobre o Património, as Artes e a Comunicação Intercultural* (pp. 13–24). UMinho Editora/CECS. <https://doi.org/10.21814/uminho.ed.48.2>

Coutinho, C. P. (2016). *Metodologia de Investiogação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática* (Edições Almeida (ed.); 2ª Edição).

Durkheim, É. (2004). *As regras do método sociológico* (9ª Edição).

Gil, A. C. (2002). *Como Elaborar Projetos de Pesquisa* (Editora Atlas (ed.); 4ª Edição).

Guerra, I. C. (2014). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo: Sentidos e formas de uso* (P. Editora (ed.); 6ª Edição).

Hall, S. (1992). *A Identidade cultura na pós-modernidade* (11ª Edição).

HALL, S. (1992). *A Identidade na Pós-modernidade*.

Henderson, L. W. (2001). *A igreja m Angola: Um rio com várias correntes* (2.ª edição).

Henriques, I. C. (2015). *COLONIALISMO E HISTÓRIA* (p. 31).

J.W.Creswell. (2007). *Projecto de pesquisa: metodos misto quantitativo , qualitativo e misto* (p. 18).

Jordão, F. V. (1993). Fenomenologia de Ia Religião. *Revista Filosófica de Coimbra-n.º*, 4, 295–311. http://www.uc.pt/fluc/dfci/publicacoes/religiao_sob_o_pv_filosofico

Lévi-Strauss, C. (2008). *Raça e Históriua* (E. Presença (ed.); 9 Educação).

Lopes, L. P. e E. S. (2011). *Métodos e Técnicas de Investigação Social* (A. Editores (ed.); 1ª Edição).

Maia, S. (2010). *Rotas Museológicas na Região de Aveiro – Um Estudo Empírico. Gestão e Planeamento em Turismo*. Uinversidade de Aveiro.

Martins, M. de L., & Silva, R. da. (2021). Turismo, Culturas e Comunicação Intercultural: Uma Breve Introdução. In *Culturas e Turismo: Reflexões Sobre o Património, as Artes e a Comunicação Intercultural* (pp. 7–11). UMinho Editora/CECS. <https://doi.org/10.21814/uminho.ed.48.1>

Martins, O. (1986). *Sistema Dos Mitos Religiosos* (Guimarães Editores (ed.); 4ª Edição).

Matos, P. F. de. (2006). *As côres do império representações raciais no império colonial português* (3ª Edição).

Pereira, M. P. (2014). *A Escola Portuguesa ao serviço do Estado Novo: as Lições de História de Portugal do Boletim do Ensino Primário Oficial e o Projeto Ideológico do Salazarismo* (pp. 59–81).

Pernas, A. (2022). As tabernas no Estado Novo como espaço transformador de indizível em dizível. In E. Húmus (Ed.), *A Traição das palavras reitórica do poder e suscentabilidade da linguagem* (1ª Edição, pp. 153–168).

Pinto, A. R. K., & Baptista, M. M. (2020). A exotização no período colonial e pós-colonial: O caso de Portugal dos Pequenitos. *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, 7(2), 113–123.

Reis, B. C. (2009). *O CATOLICISMO E O ESTADO NA HISTÓRIA RELIGIOSA CONTEMPORÂNEA* (Vol. 21, pp. 263–282).

REIS, B. C. (2009). O CATOLICISMO E O ESTADO NA HISTÓRIA RELIGIOSA CONTEMPORÂNEA. *LUSITANIA SACRA*, 2(21), 263–283.

República, A. da. (1822). *A Constituição Portuguesa de 1822*. <http://www.arqnet.pt/portal/portugal/liberalismo/c1822t3.html>

Rezola, M. I. (2012). A Igreja Católica nas origens do salazarismo / The Catholic Church in the origins of Salazar's Estado Novo [New State]. *Revista de História Juiz de Fora*, 2012, v.18, n.1, p. 69-88, V.18(I), 68–88. https://www.academia.edu/7157011/A_Igreja_Católica_nas_origens_do_salazarismo_The_Catholic_Church_in_the_origins_of_Salazar_s_Estado_Novo_New_State

Santos, M. do C. L., & Lorena, M. do C. (2008). Imagens de um destino turístico: O caso de Cabo Verde. *Forum Sociológico*, 18, 69–77.

Silva, T. T. da. (2000). A produção social da identidade e da diferença. In Editora Vozes (Ed.), *Identidade e diferença A perspectiva dos Estudos Ciulturais* (3ª Edição, pp. 61–85).

Silveira, L. (2019). *O olhar europeu sobre o Brasil: Da exotização do paraíso à mercantilização turística* (Grácio Editores (ed.); 1ª Edição).

SOUSA, J. G. (2014). *Velhice na cultura contemporânea : um estudo sobre a perda emocional profunda JENNY GIL SOUSA Velhice na cultura contemporânea : um estudo sobre a perda emocional profunda*. Universidade de Aveiro.

Tuckman, B. W. (2002). *Manual de Investuigação Em Educação* (F. C. Gulbenkian (ed.); 2ª Edição).

TURNER, G. (1990). *British Cultural Studies: An Introduction*. (p. 19).

Yin, R. k. (2010). *Estudo de caso planejamneto e métodos* (Bookmam (ed.); 4º Edição).

Recebido: 2025-10-12

Aceite: 2026-01-30



Este artigo está licenciado sob a licença: [Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). Ao submeter o manuscrito o autor está ciente de que os direitos de autor passam para a Revista Científica Mupanda